

**PRECONCEITO COM AFRODESCENDENTES:
MARCAS DE UM NOVO TEMPO**

Maria Francilene de Alencar Lima
(Graduada em Pedagogia pela FAHESA)
E-mail: francilene.lima@hotmail.com

A história não contada sobre os africanos, antes da invasão da África é uma lacuna da história do Brasil, que trouxe desvantagens para essa etnia em relação a outras raças formadoras do povo brasileiro. Os fatos históricos enfatizam a herança cultural européia e sobre a África só se têm notícias a partir dos navios negreiros. Dessa forma, a história do Brasil faz referência no Brasil Colônia à família real, aos escravos e às senzalas, não criando com o descendente africano a mesma imagem positiva do homem português, espanhol ou de qualquer outro imigrante que veio povoar esta terra. Assim, o africano, chamado pelos historiadores de imigrante forçado, chegou carregando o peso dessa história que tem reflexos até os dias atuais sob a forma de preconceito.

Palavras-chave: Afrodescendência, Cultura, Preconceito.

The history non counted on the Africans, before the invasion of Africa is a gap of the history of Brazil, that brought disadvantages for that etnia in relation to other races formadoras of the Brazilian people. The historical facts emphasize the European cultural inheritance and on alone Africa news are had starting from the slavers. In that way, the history of Brazil makes reference in Brasil Colônia to royal family, to the slaves and the slave quarters, not creating with the African descendant the man's Portuguese, Spanish same positive image or of any other immigrant that came to populate this earth. Like this, the African, called by forced immigrant's historians, it arrived carrying the weight of that history that has reflexes until the days you act under the prejudice form.

Keywords: Afrodescendência, Culture, Prejudice.

1. INTRODUÇÃO

Através de pesquisa bibliográfica e dos relatos orais, mediante lembranças do passado de descendentes de quilombos e de suas vivências atuais o artigo descreve os posicionamentos dos integrantes da Comunidade Quilombola de Cocalinho, comunidade essa, eleita para ser alvo deste estudo, a fim de compreender o significado do preconceito e as formas de administrá-lo. Para organizar melhor as informações, partiu-se da História não-contada, situando o leitor na História Africana. Considerando a importância da inclusão dessa história no currículo da formação de professores e de elementos sobre um novo programa a ser trabalhado nos anos iniciais do Ensino Fundamental é que esse estudo foi idealizado. Tais subsídios são importantes contribuições para a diminuição do preconceito. Se essas idéias forem incorporadas na formação do educador e na sua postura profissional.

Refletir sobre a presença ou não do preconceito no cenário escolar e da sociedade, bem como sobre a cultura de uma comunidade Quilombola é o propósito deste trabalho que ressalta os sujeitos concretos desse espaço, que precisam ser incluídos socialmente no tocante às suas tradições. Além disso, procurar-se-á descortinar as marcas de um novo tempo sobre o

preconceito com o afrodescendente, a partir do período que antecede a entrada do “imigrante forçado”, que chegou ao Brasil na condição de escravo.

2. A HISTÓRIA NÃO – CONTADA

A povoação do Brasil registra a presença de povos e nações indígena situados em diferentes partes do continente.

Segundo Cunha Júnior (1999), a colonização européia chegou em 1500 e não tardaram as “imigrações forçadas de cativos africanos”.

A mistura dessas três raças sinaliza para o início da cultura e história nacional, com as marcas de experiências históricas vividas por estes povos. Portanto, assentados nos conhecimentos dessas três raças: indígena, européia e africana, localiza-se a gênese dos processos de educação e transmissão da cultura nacional e é aí, nesse ponto onde tudo deveria começar a desencadear esses processos. No entanto, com a dominação decorrente dos processos coloniais e imperialistas europeus, as concepções da cultura e educação nacional evidenciam sua história com as marcas do eurocentrismo, omitindo a história da origem

da população negra e mestiça que não começou nos Parafraçando Muniz (2008), acredita-se que é nesse recorte, omitido na história dos imigrantes africanos, que se localizam as razões da própria exclusão do negro na história do Brasil com conhecimentos da África e de cultura nacional.

Com isso a história a educação e a formação de educadores passa a ser realizada sem o conteúdo de base africana.

Esse conceito discriminatório que ainda hoje persiste decorre exatamente disso, pois informações sobre o passado africano são escassas, com anotações racistas. Daí a história ser desfavorável à percepção igualitária e cidadã dos afrodescendentes. (MUNIZ, TR, 2008).

Na história não – contada, tudo foi omitido pela força da dominação européia porque aos dominantes não interessava registrar essa história.

A liderança afrodescendente que começou a projetar-se como o movimento dos quilombos, nunca mais deixou de crescer. Essa parcela da população brasileira em tido, historicamente, avanços e recuos na própria história dos movimentos negros, que têm sido bem mais visíveis entre os afrodescendentes com maior nível de formação e criticidade.

Os movimentos negros começaram a surgir, na época da escravidão, renovando-se a partir dos anos 70 do século XX, como o envolvimento de afrodescendentes em pesquisas sobre o assunto. Muito tem sido dito e escrito sobre o assunto. A sociedade brasileira tem sido cenário dessa história de iniciativas de militantes e sistemas educacionais que insistem em incluir estudos sobre a afrodescendência nos currículos escolares, mas com resultados aquém do esperado.

Esses movimentos étnicos organizados há décadas para resgatar a cultura da própria etnia no contexto brasileiro objetivam conquistar quanto às questões educacionais dos afrodescendentes e criar um ambiente favorável à discussão da cultura nacional e das origens dos povos que constituem a população brasileira.

Na pauta de assuntos desses movimentos tem estado a questão do ensino da História Africana e da denominada História do Negro Brasileiro.

Foi no âmbito dessa discussões que a preocupação com a formação de educadores foi ganhando forma para incluir nela a História Africana.

É importante salientar que embora freqüentes intentos venham sendo viabilizados, com visas à formação dos professores, eles ainda não têm sido suficientes para dar ao professor a formação necessária

navios negreiros ou em tribos de homens nus.

para tratar da questão da afrodescendência, em âmbito nacional.

O fato de rememorar a época do ingresso dos cativos com uma história conhecida a partir desse fato, é que se compreende o motivo da tentativa de anulação de uma história bem mais ampla, da história daqueles que chegaram aqui vencidos, mas que deixaram raízes no lugar a que pertenciam.

Nos navios negreiros os escravos africanos dançaram e choraram durante a longa e sofrida viagem, mas chegando no Brasil esta passou a ser sua terra, o lugar onde seriam gerados e criados os seus descendentes.

Na nova terra os escravos trabalhavam muito nas lavouras canavieiras, nas minas de ouro, nas fazendas de café, acalentado o desejo de tornarem-se livres.

Esse desejo de liberdade dos escravos de origem africana no Brasil, traduzida na fuga e na formação de quilombos em múltiplos locais do território, teve início desde o final do século XVI. Tal como em Palmares outros Quilombos se formaram, sendo significativos os de Mato Grosso e Goiás.

Depois da assinatura de Lei Áurea, de 13 de maio de 1888, que pôs fim à escravidão em todo o império, a lavoura canavieira e o aumento do número de engenhos nas capitânicas de Pernambuco e Bahia, absorveram grande parte dos escravos introduzidos no país, nos séculos XVI e XVII o que ocorreu também em São Paulo e Rio de Janeiro, nas fazendas de café.

Depois da independência, apesar da proximidade das cidades mais populosas, os quilombos não tardaram a se organizar, sobretudo nos locais de maior concentração de propriedades rurais.

Os escravos abandonaram, em grande número, as suas senzalas e se juntaram em pontos estratégicos, acobertados nessa época, pela proteção que recebiam os membros dos clubes e sociedades que lutavam pela extinção da escravidão no Brasil.

É preciso contar cada vez mais essa história, de forma verdadeira e completa para que sejam resgatados os fatos que compõem esses acontecimentos e que são decisivos para lhe dar significação.

3. A HISTÓRIA AFRICANA

A História Africana, conhecida a partir das grandes navegações quando os negros começam a ser trazidos para o Brasil em meados do século XVI para trabalhar como escravos. Conforme escritos de alguns

autores durante mais de 300 anos, a mão-de-obra escrava constituiu-se como a principal força de trabalho no país e a base de toda a atividade econômica. A face mais visível da resistência à escravidão são os quilombos, comunidades de escravos fugidos que tentavam sobreviver à margem da sociedade colonial. Além desses, outros conflitos expressam a luta contra a escravidão e levam ao movimento abolicionista.

Os negros encontram dificuldade para integrar-se à sociedade brasileira após a abolição da escravatura. As reformas agrária e educacional que os abolicionistas pregavam não acontecem e o acesso dos negros à escola e a terra se torna difícil. No mercado de trabalho há a concorrência com os imigrantes europeus.

No decorrer do século XX, surgem inúmeros movimentos e entidades para defender os direitos da população negra e lutar por uma cidadania plena. Um dos grandes expoentes dessas manifestações é Zumbi, o maior líder do Quilombo dos Palmares. O dia de sua morte, 20 de novembro, é transformado em Dia Nacional da Consciência Negra.

Remanescentes de quilombos, ao contrário do que se supôs por muito tempo, sobrevivem no Brasil formando várias comunidades negras que nasceram como quilombos. Concentrado-se uma grande parte na Região Norte, resultante da divisão do estado de Goiás, na divisa com o Estado do Pará onde já existem 15 comunidades registradas, sendo usada como alvo deste artigo a Comunidade Cocalinho, localizada no município de Santa Fé do Araguaia -TO.

Após estudos mais profundos sobre a História Africana, percebe-se e interpreta-se o Quilombo não só como refúgio de escravos como geralmente se atribui à comunidade, mas percebe-se que se trata de uma reunião fraterna e livre, com laços de solidariedade, convivência resultante do esforço dos negros escravizados de resgatar sua liberdade e dignidade por meio da fuga do cativeiro e da organização de uma sociedade livre. Os quilombolas eram e são homens e mulheres que se recusavam a viver sob o regime da escravidão e desenvolviam ações de rebeldia e de luta contra esse sistema.

O Brasil atual é resultante do encontro de culturas e civilizações provindas de quatro continentes: América, Europa, África e Ásia. Neste sentido, pode-se considerar um País multicultural, ou seja, cada um desses componentes étnicos trouxe sua contribuição na formação do povo e da história do Brasil, na construção da identidade e da cultura brasileira.

É por isso que conhecer o Brasil equivale a conhecer a história e a cultura de cada um desses componentes culturais, tentando cercar e captar suas contribuições na sociedade brasileira.

4. O NEGRO NA ATUALIDADE

... o muito que se sabe da história da África é através dos registros escritos, e para muitos estudiosos, esses registros são escassos e alguns têm valor duvidoso. (Benjamim 2005, p.3)

Não se vê melhor caminho para entender a história social e cultural deste país, a não ser começando pelo estudo de suas matrizes culturais: indígena, européia, africana e asiática, enfatizando a heterogeneidade do espaço. Porém, não é isso que acontece na história do Brasil até hoje ensinada através da historiografia oficial. Na maioria dos livros e materiais didáticos que se tem acesso, as contribuições dos africanos e seus descendentes brasileiros são geralmente ausentes dos livros didáticos e quando estão presentes são apresentadas de um ponto de vista estereotipado e preconceituoso. Conseqüentemente, os brasileiros de ascendência africana, contrariamente aos de outras ascendências (européia, árabe, asiática, judia, etc.) ficam privados da memória de seus ancestrais no sistema do ensino público oficial, além de acarretar uma baixa auto-estima e a construção de uma identidade negativa.

Essa situação justifica a lei nº 10.639/03 promulgada pelo Presidente da República em 2003, isto é, 115 anos depois da abolição da escravidão no Brasil, para reparar essa injustiça causada não apenas aos negros, mas também a todos os brasileiros, tendo em vista que essa história esquecida é um patrimônio de todos os brasileiros sem discriminação de cor.

Algumas pesquisas realizadas nos Estados Unidos e no Brasil apontam as dificuldades que as crianças negras têm para se auto-representar através do desenho. Geralmente, eles se auto-representam através dos traços morfológicos da população branca. Nas realidades, sócio culturais esboçadas os agrupamentos tais como as favelas, os quilombos urbanos e rurais aparecem como configurações territoriais depreciativas desmembradas de um passado e de um presente histórico comum ao descendente africano.

O enfoque da história do negro e da África e de suas dinâmicas culturais, configurações territoriais, e espaços sociais podem ser apresentados através da imagem colaborando desta forma na rememoração da história da população negra, na reconstrução da identidade afrodescendente bem como na apreensão do conhecimento.

E a partir daí, reconhecer o negro como agente da história brasileira e autor da sua própria história, percebendo suas contribuições para o desenvolvimento econômico, demográfico e cultural.

No plano econômico, os negros serviram como força de trabalho, fornecendo a mão-de-obra escrava necessária às lavouras de cana-de-açúcar, algodão, café e mineração. Uma mão-de-obra escravizada, sem remuneração, tratada de maneira desumana e submetida a condições de vida muito precárias. Foi graças a esse trabalho gratuito do negro que foram produzidas as riquezas que ajudaram na construção do Brasil Colonial e na construção da base econômica do país.

No plano cultural, destacam-se notáveis contribuições dos negros africanos na língua portuguesa no Brasil, no campo da religiosidade, na arte visual, na dança, na música, na arquitetura entre outros planos.

5. PRECONCEITO

Segundo o Buarque de Holanda(1991 p.588),

O preconceito é uma forma de conceito pré-definido antecipadamente e sem fundamentos razoáveis, ou seja, são opiniões formadas sem nenhuma reflexão aplausível, sobre uma determinada pessoa, grupo de indivíduos ou povo. É, no entanto uma aversão a outras raças.

Ao se falar em preconceito, faz-se logo uma associação à cor da pele negra, “o negro”. E isso se dá a partir da visão distorcida da história desse povo, pois pelo que se sabe é a aversão à cor da sua pele, sua cultura, religiosidade e credices. Esse conceito discriminatório segundo Cunha Junior (apud Muniz, 2007) que ainda “persiste hoje, decorre exatamente pela omissão na história dos imigrantes africanos, pois as informações sobre o passado africano são escassas, com conotações racistas. Daí a história ser desfavorável à percepção igualitária e cidadã dos afrodescendentes”.

O indivíduo preconceituoso é aquele que se fecha em uma determinada opinião, deixando de aceitar o outro lado dos fatos. É uma posição dogmática e sectária que impede aos indivíduos a necessária e permanente abertura ao conhecimento mais aprofundado da questão, o que poderia levá-los à reavaliação de suas posições.(BREND, apud Munanga,2004).

Embora essas atitudes preconceituosas ainda permieem a sociedade, muito já se têm feito para transformá-las em movimentos de combate ao preconceito.

De acordo com Borges e Jacques (2002 p.53):

o preconceito está enraizado em todas as culturas balizando as relações que cada uma delas estabelece com as outras e muitas vezes justificando o tratamento desigual e a discriminação de indivíduos ou grupos.

Nos dias atuais, existem leis que punem severamente o preconceituoso, pois hoje o preconceito é considerado crime e crime inafiançável. Além disso, foi feita uma alteração na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) Lei 9394/96 onde a mesma passa a vigorar acrescida dos seguintes artigos: arts 26A, 79A e 79B da Lei 10639/2003 de 09 de janeiro, deixando claro no art 26A que: Nos estabelecimentos de Ensino Fundamental e Médio, oficiais e particulares, tornando-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-brasileira. Procurando, desta maneira resgatar a cultura negra brasileira mostrando à sociedade a grande contribuição do povo negro, nas diversas áreas: social, econômico e política.

6. FORMAS DE PRECONCEITO

O preconceito étnico apresenta-se de forma explícita e de forma velada. De forma explícita quando o negro ouve, vê e sente a aversão do preconceituoso e a forma velada é aquela que o preconceituoso não expressa verbalmente o seu posicionamento, mas deixa-o transparecer através do olhar, do riso, dos gestos etc.

Segundo Cunha Jr (2001):

As práticas culturais dominantes disseminam a idéia de que os afrodescendentes são incompetentes e inábeis para certas atividades no mundo da produção cultural. A partir dessas percepções, são produzidas imagens negativas em relação “a cultura, o conhecimento e o trabalho” dessa população, negando-lhes a sua força de trabalho como um elemento decisivo no processo histórico-social e cultural da formação do País.

É lamentável perceber que o negro ainda não se insere na galeria dos privilegiados galãs e estrelas que interpretam papéis de heróis e mocinhas na televisão. Percebe-se que eles não representam satisfatoriamente a cor da mídia, embora já se tenha um suficiente conhecimento histórico da capacidade e desempenho desse grupo social na representação da cultura brasileira. Essa é apenas uma das formas de se demonstrar a existência do preconceito na sociedade.

Parafrazeando o texto consultado na Wikipedia (2008), pode-se dizer que existem várias formas de preconceito, entre elas destacam-se:

Preconceito Racial: É o tipo de preconceito que se manifesta na cor da pele: o branco se acha melhor do que o negro, ou o contrário. Isso inclui a concepção que o indivíduo tem de si mesmo e também do outro.

Preconceito Social: É o tipo de preconceito que se presencia entre ricos e pobres, entre homem e mulher, escolha sexual, na hora de procurar trabalho, etc. O pobre é considerado um estorvo para a sociedade burguesa, que é explorado fisicamente e massacrado psicologicamente pelos donos do poder, que não tem direito a terra (a não ser alguns palmos no cemitério por durante seis anos), que não pode usufruir o que a feroz propaganda lhe oferece pelos meios de comunicação, e em vários ditados populares maldosos.

Preconceito Lingüístico: É o preconceito relacionado ao padrão da língua que se fala. É comum ouvir críticas a respeito do sotaque nordestino, gaúcho, mineiro etc.

Preconceito Religioso: É o tipo de preconceito que se faz visível nas religiões. O fato de ser desta ou daquela religião, torna a pessoa obstinada e arrogante. Humilha os que não pertence ao seu grupo. Sendo que o Deus a quem seguem é o mesmo.

Preconceito Espiritual: É o tipo que se observa em nossas igrejas. Por exemplo, alguns pretensiosos que se acham mais santos dos que os tradicionais, ou alguns destes que crêem ser mais fieis a Deus do que os primeiros. Muitas pessoas que têm o dom de língua, menosprezam os demais, crendo que pelo fato de falar a língua dos anjos são mais poderosos, pode amarrar o diabo com mais facilidade.
(<http://pt.Wikipedia.org/wiki/preconceito-social>)

Percebe-se então, que embora não se tenha admitido pela população brasileira e pelos grandes historiadores, o negro tem sido um grande guerreiro e construtor de uma história sofrida, mas cheia de grandes lutas e anseios de liberdade e de vida digna para todo o seu povo. E além do mais, ele tem e muito a contribuir ainda com o desenvolvimento do país.

Enfim, querendo ou não admitir, o povo brasileiro é fruto dessa cultura, e têm no sangue as origens dessa gente, que anseia por justiça e liberdade de expressão, que busca através da arte, da música, da dança, das religiosidades expressar seus ideais, seus conhecimentos sua cultura. Acredita-se ainda que através da educação essa realidade racista e preconceituosa venha pelo menos ser amenizada, pois se deseja que ao conhecer melhor a verdadeira história do negro, suas contribuições nos diversos setores da sociedade, consiga-se mudar as várias formas de pensar

e agir de muita gente neste país, e isso deverá com certeza começar pela escola.

De acordo com Cunha jr (1999), vê-se indispensável um programa de formação para educadores a partir da História Africana, cujo mesmo possibilitará uma melhor compreensão da participação material, cultural e intelectual dos africanos e afrodescendentes na sociedade brasileira, evidenciando não só a contribuição africana à cultura do Brasil, mas a sua participação.

Como afirma Munanga (2001, p.7)

Somos produtos de uma educação eurocêntrica e que podemos, em função deste, reproduzir consciente ou inconscientemente os preconceitos que permeiam nossa sociedade.

Sant'Ana (2001, p.32) citado por Munanga em *Superando o racismo na escola*, faz a seguinte colocação:

É sabido que o racismo é muito forte nos dias atuais, mas também cresce o nível de consciência de que ele é maléfico e precisa ser combatido, denunciado e eliminado. E a postura crítica do professor diante dessa luta e denúncia é de fundamental importância.

Diante do exposto, espera-se que as atitudes preconceituosas venham a ser pelo menos amenizadas, e para isso é preciso que os professores assumam realmente o seu papel de educador, posicionando-se de forma crítica e responsável diante de uma postura profissional ética e de combate ao preconceito.

7. CONCLUSÃO

A história não-contada nos livros de história, e nos livros didáticos da Educação Básica foi decisiva no surgimento do preconceito: a falta de conhecimento sobre a identidade do negro deixou-os vulneráveis para ser atacado pelo preconceito. Daí a conclusão de que não se respeita quem não tem história. E essa falta de respeito à dignidade do africano o colocou no contexto da escravidão por mais de 300 anos.

A História Africana, tornada conhecida no Brasil difundiu-se nos navios negreiros e representa um recorte dos acontecimentos que deixou profunda aversão naqueles que não compactuaram com a prática do escravismo. E foram muitas as cargas dos navios negreiros que aqui chegaram, trazendo pessoas para serem exploradas, utilizando uma mão-de-obra gratuita para tornarem produtivas as terras do Brasil Colônia.

Esses abusos com a dignidade humana fez surgir o movimento dos quilombos, seguindo-se o movimento de minimização do preconceito étnico.

Na atualidade o quadro da realidade brasileira mostra que a discriminação étnica com o descendente africano chega a patamares inimagináveis nas Américas. No contexto brasileiro, não tem sido diferente. É preciso conhecer a história para iniciar a luta pela extinção total do preconceito. Sabe-se que algumas iniciativas têm sido exitosas, outras, poucos resultados têm apresentado.

Reconhecer o negro como agente da história brasileira e autor de sua própria história é uma idéia que vive com os defensores desse movimento. Há no entanto entre eles, os que não se envolvem e nem valorizam tais iniciativas.

Atualmente, cresce a formação de grupos de defesa e valorização da cultura do afrodescendente. Da mesma forma, pesquisas e produções literárias têm contribuído para o afastamento do preconceito. No entanto, o preconceito tem sobrevivido à lei, que prevê punição aos preconceituosos, alcançando o afro-brasileiro do século XXI. Nesse cenário, é que foi selecionado um representante dessa etnia, natural de Cocalinho, a Comunidade Quilombola de Santa Fé do Araguaia-TO, com a intenção de aproximar o conhecimento teórico e a realidade, para conhecer melhor esse recorte da história.

A referida comunidade que foi o território escolhido para recolher, *in loco*, os dados da presente pesquisa vem favorecendo este estudo.

Os representantes da comunidade, entrevistados, afirmaram que o preconceito existe. Muitas das pessoas da comunidade já sentiram de perto essa dor e, outros, ainda passam por situações discriminatórias, umas veladas outras bem explícitas. Em lugares em que o negro é desconhecido o preconceito chega com mais vigor.

O representante da comunidade-alvo desta análise, escolhido para este estudo declara que, depois de já ter sido afrontado por possuir a cor de sua pele preta ele, hoje, não sofre com isso. O mesmo ainda relata que conseguiu superar o preconceito com a maturidade adquirida através do seu engajamento à causa do descendente africano. Ao perguntar como ele

administra o preconceito o entrevistado afirma que a sua cultura, a sua posição na sociedade, a sua liderança junto ao Movimento de Defesa do Afrodescendente não deixam que sentimentos negativos o afetem. Ele, hoje, se comove diante daqueles que não se libertaram do preconceito. Sua elevada auto-estima é fator decisivo na construção desse paradigma conceitual.

Portanto, este estudo constitui-se em contribuição para a defesa desta causa, tendo como propósito alertar educadores e futuros educadores para as atitudes e omissões que possam estar colaborando com a criação ou a manutenção das desigualdades que envolvem o racismo na escola. Ao buscar o estabelecimento de um paralelo entre as observações sobre o preconceito e as ações realizadas no contexto escolar, através de discussões e reflexões críticas está-se perseguindo o propósito de contribuir para a diminuição de pensamentos e atitudes preconceituosas.

8. BIBLIOGRAFIA

- BENJAMIM, Roberto Emerson Câmara. **A África está em nós: História e Cultura Afro-brasileira**. João Pessoa – PB: Grafset, 2005, p.184.
- BORGES, Edson *et al*; **Racismo; preconceito e intolerância**, São Paulo: Atual, 2002.
- CUNHA, Henrique Júnior. **A História Africana na Formação dos Educadores**. Cadernos de Apoio ao ensino. UEM, Nº 6, Abril 1999.
- CUNHA, Henrique Júnior. **Imagens de africanos e afrodescendentes na escola**. 2001. Texto mimeografado.
- Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**, (edição reduzida do Médio Dicionário Aurélio / Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1988, (6ª ed. 1991)).
- MUNANGA, Kabengele. **Superando o Racismo na Escola**. 3ªEd, organizador. _ [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Fundamental. 2001.202p. II.
- MUNANGA, Kabengele; Gomes, Nilma Lino. **Para entender o negro no Brasil de hoje: história, realidades, problemas e caminhos**. São Paulo: Global: Ação Educativa Assessoria e Informação, 2004. (Coleção Viver, Aprender).
- MUNIZ, RT. **A afrodescendência em foco: pensando com Cunha Jr**. Araguaína-TO: ITPAC, 2008.
- Disponível em : <http://pt.Wikipedia.org/wiki/preconceito-social,12/05/2008>.